

# O AMIGO DO POVO



Jornal anarquista e sindicalista revolucionário

Preço: R\$1,00

ANO II Nº 4

[oamigodopovo@inventati.org](mailto:oamigodopovo@inventati.org)

[www.oamigodopovo.noblogs.org](http://www.oamigodopovo.noblogs.org)

Brasil central, Jan/Fev/Mar de 2023

## O NOVO GOVERNO LULA A SERVIÇO DA VELHA ORDEM

Antônio Galego

A pesar da esperança e alívio de uma parcela da população, assim como a raiva dos que votaram em Bolsonaro e temem “mudanças negativas”, a grande maioria dos trabalhadores sabem que a velha ordem seguirá intacta. Como diz a frase clássica “é preciso que tudo mude, pra que tudo fique igual”. Analisemos a nova administração, a oposição de direita e a tática da luta popular.

### 1) O caráter neoliberal do novo governo

Após a vitória de Lula as características da nova administração vão ganhando corpo. A Frente Ampla, com o discurso eleitoreiro do medo do “golpismo” e do “fascismo”, incorporou a maioria dos setores da grande burguesia e da burocracia sindical-popular. O governo não terá oposição de esquerda no parlamento. Tanto PSOL como PDT, MDB, PSD e União Brasil se uniram ao governo após as eleições, ampliando a base em 160 deputados e 34 senadores. Por trás da ilusão está a continuidade do projeto neoliberal, agora sob um modelo desenvolvimentista e “identitário”.

A Equipe de Transição, com a liderança do reacionário Alckmin, no setor da Educação deu protagonismo aos representantes do Itaú, Unibanco, Natura, Leman, organizadores do Novo Ensino Médio e da BNCC. Em relação a política econômica, Alckmin afirmou categoricamente em 26/11 que “ajuste fiscal vai ser feito e de maneira permanente” e que “não tem nenhuma reforma a ser desfeita, nenhuma”. Não haverá “revogação” das reformas neoliberais e privatizações anteriores.

O tão esperado aumento do salário mínimo (SM), fundamental para 70% dos trabalhadores que recebem até 2 SM, não ocorrerá! O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, anunciou em 12/01 o aumento pífio para R\$ 1.302,00 já proposto por Bolsonaro. Na política agrária e de segurança, dois setores estratégicos, a política é de continuidade ao governo anterior: fortalecimento dos latifundiários monopolistas, das forças militares e leis repressivas (vide os reacionários José Múcio no Ministério da Defesa e Carlos Fávaro na Agricultura). Na política internacional, o alinhamento ao imperialismo ianque “democrata” é evidente.

A política identitária na composição de uns dos poucos 37 ministérios, comemorada pela mídia e pela esquerda liberal, encontrará limites objetivos na grande política burguesa-imperialista que seguirá aprofundando a exploração e violência contra a



massa popular que dizem representar. Precisarão de muita maquiagem e desculpas pra enxugar gelo no Estado brasileiro, genocida, racista e patriarcal até o tutano. Certamente colherão revolta.

Já na Carta aos Evangélicos (19/10/2022), Lula disse: “Com a prosperidade que ajudamos a construir, foi no nosso Governo que as Igrejas Evangélicas mais cresceram, sem qualquer impedimento e até tiveram condições de enviar missionários para outros países”. Uma clara mensagem, não às massas, mas aos barões das Igrejas. Analisamos melhor isso no texto “Anarquismo e Liberdade Religiosa” (p.7).

### 2) A oposição neoconservadora

Desde a vitória de Lula a oposição neoconservadora “bolsonarista” se fez sentir. Podemos citar dois momentos chaves: os bloqueios de rodovias e a invasão dos três poderes em 08 de janeiro [1]. Nenhum dos dois levou, nem poderia levar, a um “golpe”, como uma parte da esquerda acreditou de forma oportunista ou ingênua. Um golpe de Estado precisa de correlação de forças, e o governo Lula possui os grandes Impérios e Burgueses ao seu lado.

Ao contrário, após a invasão de 08/01 e a repressão que seguiu, políticos e empresários bolsonaristas (a exemplo do “véio da Havan”) passaram a apoiar o governo ou pelo menos se afastar de Bolsonaro. No fim, a invasão bolsonarista fortaleceu o Lulismo tanto por cima quanto por baixo. Também com os setores independentes de esquerda e anarquistas que saíram às ruas reforçaram a “defesa da democracia” e a “união antifascista” com os pelegos da CUT, UNE, PT e PCdoB.

### 3) As tarefas da luta popular

Muitos são os elementos que tentamos resumir aqui, e seguiremos analisando nas próximas edi-

ções. Mas em relação a uma linha de ação autônoma para os trabalhadores e militantes, é central algumas definições táticas e políticas:

1º) A burguesia em crise não só recorre a extrema direita, mas também a esquerda reformista para se salvar, seu objetivo principal é manter as taxas de lucro e o sistema em pé;

2º) Escolher a extrema direita, destituída do poder do governo, como “inimiga principal” da luta e agitação popular é um erro, é assumir que ela pautará a oposição, e que a tarefa dos lutadores do povo é se juntar ao governo lulista (ou pressioná-lo) para combatê-la. É ser paragovernista.

3º) Os lutadores do povo devem se localizar na Oposição ao governo Lula e aos governistas no movimento popular, tendo em vista seu caráter burguês e neoliberal. Não apenas pela “revogação das medidas anteriores”;

4º) Porém, a tática de Oposição não deve seguir os erros anteriores, de se pautar pelo paradigma da troca de governo (do tipo “Fora Bozo”), mas combater sem compromissos as medidas antipopulares, desmascarando o caráter antipovo do governo e da burocracia sindical governista;

5º) Assim, a tática de oposição classista ao governo é impulsionar/apoiar as reivindicações materiais das massas através de assembleias, protestos e greves, ou seja, retomando as tarefas elementares da luta social, pressionando à mobilização mesmo nos setores populares identificados com um ou outro candidato;

6º) Renegar radicalmente a tática de oposição moralista e ultra-ideológica (nas redes sociais) que marcou a política da esquerda burguesa e identitária durante o governo Bolsonaro;

7º) O combate aos grupos da extrema direita, assim como aos reformistas pelegos, devem responder às tarefas das mobilizações e lutas dos explorados, e não pautados pela mídia, redes sociais ou pelas instituições podres do Estado brasileiro;

8º) Sem luta popular por direitos não haverá vitórias. A esquerda lulista e a direita bolsonarista não tem interesse em construir essa luta, apenas seus projetos de poder. Logo, assim como coube aos trabalhadores no século XIX se separar de toda política burguesa, urge a nós levantarmos o mesmo brado revolucionário e aplicar em nossa realidade o histórico lema: “a libertação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores!”. ■

[1] Veja as duas análises em nosso site: [oamigodopovo.noblogs.org](http://oamigodopovo.noblogs.org)

# A luta das mulheres e as armadilhas neoliberais



Aurora

Mais um 8 de março se aproxima, mais um ano que relembramos o dia das mulheres que lutam. A data sempre nos convida a refletir sobre avanços, desafios e conquistas no âmbito da luta das mulheres. Nesse ano, aproveitamos para pensar os desafios que a conjuntura tem nos colocado para avançarmos em nossas pautas.

No que tange as demandas das mulheres atualmente vemos que no Brasil existem dois projetos em disputa: o projeto neoconservador e o projeto identitário “progressista”. Um chamado de direita outro de esquerda. O primeiro deles busca resgatar o papel das mulheres como “progenitora”, ressaltando o papel do homem (pai, patriarca, etc), se

posiciona contra o aborto, se arrogando da defesa da família (essencialmente nos moldes tradicionais/burgueses).

O segundo, busca soluções para a questão da mulher no âmbito individual, trazendo a liberdade individual e de “escolha” para o centro das pautas. Sendo assim, o segundo projeto vai defender

(ou ao menos aceitar) o aborto como um direito de decisão individual das mulheres, vai desconstruir a ideia da família (ora ampliando o conceito, ora negando sua importância).

Ambos os projetos vão se infiltrando a partir de respostas a determinadas conjunturas. Enquanto o projeto neoconservador avança devido a precarização da vida e a consequente desestruturação de famílias (desemprego, alcoolismo, etc), o projeto progressista aparece como uma adaptação as demandas “de baixo”, das legítimas lutas antidiscriminatórias, ao mesmo tempo que orienta formas de “luta” dentro do sistema.

Enquanto o projeto conservador nega a diversidade em prol de uma suposta unidade, o identitário progressista as abarca, mas as fragmenta. Sendo assim o identitarismo vai disseminar valores supostamente anti-racistas, anti-machista, anti-capacitista, enfim “inclusivos”, e vai se utilizar de suas

estruturas (organismos multilaterais, discursos empresariais, parlamentares, educação, mídia, etc) para pautar o formato “adequado” de se combater as opressões. Do outro lado, o conservadorismo também vai espalhar sua ideologia a partir das Igrejas, políticos e tentando hegemonizar os discursos nas escolas (escola sem partido, projetos de criminalização da suposta ideologia de gênero, etc).

No embate entre esses dois projetos da ordem, as organizações e militantes da classe trabalhadora não conseguem dar uma solução de fato radical, antissistêmica. Enquanto taxam o projeto conservador como “fascista” e, portanto, indiscutível, homogeneizam e criam uma barreira ao diálogo com um amplo setor da classe trabalhadora. Do outro lado, em relação ao projeto identitário não conseguem se diferenciar estruturalmente. Ora simplesmente o defendem pois é “menos pior” do que o conservador ora o criticam apenas de forma pontual (rivalizando em questões como raça e classe mas ainda vistas de forma fragmentadas).

Para nós anarquistas é importante que tenhamos claro que ambos os projetos são variações dentro da ordem burguesa, ambos são neoliberais! O projeto progressista apaga as contradições de classe e busca resolver a questão da mulher no âmbito do Estado e do Mercado. O projeto neoconservador utiliza a fé religiosa como forma de cegar as mulheres de sua opressão no mundo real. O patriarcalismo e o machismo, como já dizia Bakunin, são fundamentos do Estado e para romper com eles precisamos de uma luta integral contra o modelo patriarcal de família, contra o Estado e contra o capitalismo. ■

**O MERCADO, O ESTADO, A POLÍCIA NÃO VÃO NOS LIBERTAR!**

**A LIBERTAÇÃO DAS MULHERES TRABALHADORAS DEVE SER RESULTADO DA LUTA DE NÓS MESMAS!**

## Projeto Obras Completas Mikhail Bakunin

Aurora

Nós do Jornal O Amigo do Povo saudamos o Projeto Obras Completas de Mikhail Bakunin (OCMB). O projeto, impulsionado pela editora O Lâmpião e que abarca também a editora Terra Sem Amos e pesquisadores de várias regiões do país, tem como objetivo a tradução completa dos escritos de Mikhail Bakunin a partir da catalogação do Instituto de História Social de Amsterdã.

Tal feito é histórico visto que a circulação dos textos de Bakunin na língua portuguesa ainda é escassa e fragmentada. Sabe-se ainda pouco da integralidade do seu pensamento e esta só pode ser alcançada a partir de uma leitura global de sua teoria.

É importante salientar que as contribuições de Bakunin extrapolam as margens do pensamento anarquista e trazem uma nova perspectiva da dialética, da teoria do Estado bem como da organização da classe trabalhadora.

O Projeto OCMB está recrutando tradutores voluntários (francês-português) e angariando doações para custear o projeto. Além disso, as editoras estão vendendo a revista “Bakunin Vive!” como forma de divulgação preliminar das traduções e também como mais uma fonte de recurso para o projeto.

Para mais informações entre no site do projeto: <https://arquivobakunin.org/>

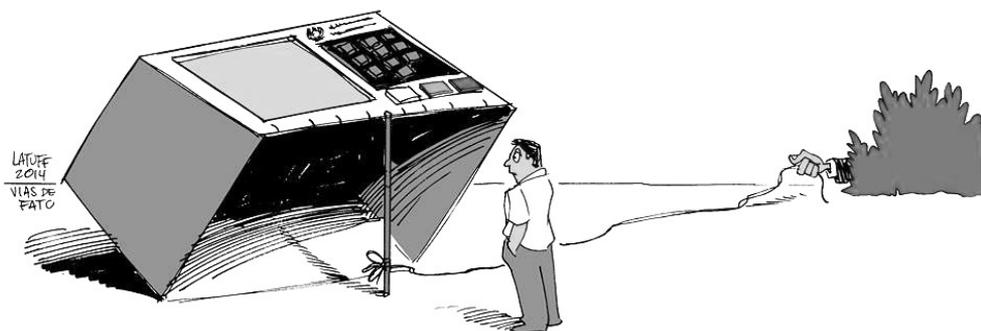
**Se inscreva no nosso canal do Telegram e acompanhe as notícias e análises bakuninistas:**

[HTTPS://T.ME/JORNALOAMIGODOPOVO](https://t.me/jornaloamigodopovo)



## Breve análise das eleições: crise social, polarização burguesa e o boicote popular à farsa eleitoral

Jiren D.



**E**m outubro e novembro de 2022, ocorreram no Brasil as eleições para presidente, governadores, senadores e deputados estaduais e federais. A eleição presidencial foi a mais polarizada desde a redemocratização, com a vitória da Chapa Lula/Alckmin por 50,90% contra 49,10% da Chapa do Bolsonaro.

Numa perspectiva bakuninista, é importante uma análise classista e crítica que vai além dos números, mas considera os atores sociais envolvidos (partidos políticos, frações da burguesia, dos poderes) e também a conjuntura político-econômica específica do pleito.

A polarização burguesa fortaleceu tanto o petismo e como o bolsonarismo. Este último, apesar da derrota para presidente, saiu fortalecido no congresso, tendo a maior bancada de 99 deputados e 14 senadores. E o PT se tornou a segunda força na câmara federal, com 68 deputados, já no senado conseguiu 8 senadores. O chamado centrão também saiu fortalecido com cerca de 273 deputados, que serão fator chave para governabilidade do governo petista.

A eleição presidencial de 2022, foi a primeira após a pandemia e consequentemente foi influenciada pela crise econômica e pelo aumento da inflação, que refletiu no aumento do preço dos alimentos e da gasolina. Numa análise, considerando método materialista, estas condições são fatores importantes para entender a queda de popularidade do Bolsonaro entre as massas populares do Brasil, para além de análises moralistas reproduzidas pelo campo da esquerda reformista sobre “fascismo, golpe e ataques a democracia”, que geralmente são superestimadas pelo idealismo das pequenas-burguesia de esquerda.

Os ataques à democracia, as retóricas autoritárias, além das dinâmicas de disputas de poder e dinheiro, fizeram vários setores,

tanto de frações burguesas, como de classes estatistas, se tornarem oposições bem mais impactantes ao Bolsonaro que o próprio petismo, tais como o desgaste que a Globo e o STF causaram ao Governo. Rupturas de setores importantes como bancos e contradições entre setores da burguesia nacional na linha ultra-liberal de Guedes que agradava mais setores rentistas e estrangeiros são outros fatores que merecem análise mais detalhada das disputas burguesas.

Apesar das grandes esforços para voto do STE, de campanha publicitárias de empresas e artistas, a abstenção foi alta, no primeiro turno, 20,95%, e, no segundo turno, 20,58%, somando os votos nulos e brancos, no segundo turno, 37 milhões de brasileiros não escolheram nenhum dos dois, o que dá cerca de 24% do eleitorado brasileiro, o que mostra que mesmo numa eleição muito polarizada e com muita pressão institucional e empresarial ao voto, uma parcela significativa da população repudia a farsa eleitoral, indo na contra-mão de análises de várias organizações, inclusive “anarquistas e revolucionárias”, que, de forma aberta ou camuflada, reproduziram análises moralistas e alarmistas sobre o perigo “fascista e golpista” e não colocaram devido peso na campanhas de abstenções eleitoral nesse pleito.

Cabe aos revolucionários analisar as nuances desse processo eleitoral, principalmente para entender como pensa o povo, o que querem, considerando seu atual nível de consciência, e fazer as devidas críticas e autocríticas do anarquismo e dos revolucionários do Brasil no atual período de refluxo de lutas e da grande influência burguesa na militância, e se reorganizarem e irem ao povo no longo e árduo trabalho junto às massas através da ação direta, essa única forma de política que pode e deve mudar a vida do povo! ■

## VIVA A GREVE NACIONAL DOS ENTREGADORES!

Antônio Galego

Está sendo convocada para o dia 25 de janeiro, em todo o Brasil, uma nova greve nacional dos entregadores de aplicativos, mais um importante “Breque dos Apps”. A carta divulgada pela Aliança dos Entregadores de Aplicativos, organização formada por lideranças de SP, DF, RS e RJ, apresenta 4 reivindicações: Reajuste na taxa de entrega; fim da entrega dupla e tripla; volta do plano de bike para R\$ 9,90; Apólice de seguro. A carta também critica a exploração sofrida pelos trabalhadores e afirma não se sentirem representados pelas centrais sindicais.

Desde a histórica greve nacional de 2020 (foto abaixo), no auge da pandemia, os entregadores emergiram como um setor militante e de vanguarda do proletariado. Naquele momento enfrentaram o autoritarismo das empresas e dos governos, mas também a apatia do “fique em casa” aderido pela esquerda lulista. Agora no governo federal, a mesma esquerda faz uma campanha difamatória contra a greve dia 25, diz que “é o jogo da direita” e outras mentiras. Não podemos dar espaço pra esse tipo de peleguismo!

É fundamental a solidariedade ativa da população, seja boicotando os aplicativos durante a greve, divulgando os motivos da luta, participando de manifestações e piquetes, etc. Os entregadores e outros setores da iniciativa privada sofrem uma verdadeira ditadura dos patrões, com demissões, assédio e ameaças, um motivo a mais para apoiar os valentes entregadores, e também para espalhar o exemplo de luta a outros setores.

Mais uma vez os entregadores mostram o caminho a seguir: a ação direta dos trabalhadores, independente dos governos, dos patrões e das burocracias sindicais. Dia 25 de janeiro será mais uma batalha da guerra justa contra a exploração, que os entregadores saiam vitoriosos! ■

**OUSAR LUTAR, OUSAR VENCER**



# AS CLASSES SOCIAIS EM M. BAKUNIN

Rafael Saddi

Parte 1

Este texto tem o objetivo de tratar das classes sociais no pensamento do anarquista russo Mikhail Bakunin. Trata-se de um tema muito amplo e não temos nem o estudo profundo de toda a sua obra nem o espaço necessário para desenvolvê-lo em toda a sua extensão.

Sendo assim, nos deteremos, aqui, tão somente na defesa de uma tese principal: a de que Bakunin, ao analisar a divisão ou antítese social principal em uma sociedade, compreende cada um dos polos opostos (os exploradores, de um lado, e os explorados de outro) não simplesmente como categorias meramente econômicas, isto é, não como uma classe (no sentido marxista do termo), mas como um mundo social próprio, ou seja, como duas vidas opostas, ou dois seres sociais antagônicos, formados, cada qual, por um conjunto de relações sociais múltiplas (tanto econômicas, políticas, quanto culturais).

Para Bakunin, as múltiplas forças sociais que compõem as sociedades podem, em toda a história, e em todos os países, serem divididas em dois polos antagônicos. Entre estes dois polos principais, o alto e o baixo da escala social, existem inúmeras camadas intermediárias. (ver *A Ciência e a Questão Vital da Revolução e Federalismo, Socialismo e Antiteologismo*).

São vários os termos que Bakunin utilizou para nomear estes dois polos antagônicos, tanto para os polos antagônicos gerais, isto é, que servem para todas as sociedades, de todos os países, ao longo de toda a história (Cidadãos e Escravos, Classes Possuidoras e Classes Despossuídas, Minoria Exploradora e Maioria Explorada, etc.), quanto para os dois polos antagônicos principais específicos das sociedades modernas (Classes Políticas e Classes Obreiras, Burguesia e Povo, Burguesia e Proletariado, Burguesia e Trabalhadores, Classes Estatistas e Massas Populares, etc.).

A definição que ele dá a cada um dos polos também apresenta diferenças em textos diversos. Podemos dizer, entretanto, que, recusando o economicismo, que identifi-

cava em Marx e seus seguidores, Bakunin pensa os polos antagônicos a partir de relações sociais múltiplas (econômicas, políticas e culturais).

Na Advertência ao Império Knuto-Germânico, por exemplo, os dois polos antagônicos principais das sociedades modernas são chamados de Burguesia e Povo.

*“Denomino, pues, burgués a todo el que no es trabajador de las fábricas, de los talleres o de la tierra;”*

Como se pode notar, o conceito de Burguesia, em Bakunin, é muito mais amplo do



que em Marx, assim como também o conceito de Povo ou Proletariado, entendido por ele como *massa*, é muito mais amplo do que o conceito de Proletariado, entendido, pelos marxistas, como *classe*.

Burguesia, em Bakunin, envolve não só a classe burguesa propriamente dita, mas também a nobreza (classe nobre). Como ele disse,

*“(...) cuando hablo de la burguesía, comprendo igualmente con esta denominación a toda la clase nobiliaria que, habiendo perdido en todo el continente de Europa y en gran parte de Inglaterra mismo*

*todos los rasgos distintivos que hicieron de ella antes una clase política y socialmente distinta, se ha aburguesado completamente hoy bajo la presión irresistible del movimiento capitalista actual”*.

Mais ainda, Burguesia inclui também os funcionários militares, civis, judiciais, religiosos, escolares e policiais de Estado.

*“Comprendo también con esa palabra la masa innumerable de los grandes y de los pequeños funcionarios militares, civiles, judiciales, religiosos, escolares y policiales de Estado, menos los simples soldados que, sin ser ellos mismos burgueses, son sin embargo la providencia visible, la única razón de ser y como los arcángeles forzados de la burguesía y del Estado, los sostenes únicos e indispensables de lo que los burgueses llaman hoy civilización”*.

Vemos, assim, em primeiro lugar, que Burguesia, para Bakunin, é um conceito amplo, que envolve tanto aquilo, que para Marx, era a classe capitalista propriamente dita (classe burguesa) quanto classes pré-capitalistas (como a nobreza). Em segundo lugar, que ela não se reduz às classes (dos modos de produção capitalista ou pré-capitalistas), mas, também envolve as camadas burocráticas do Estado e da Igreja.

O mesmo pode ser visto quando Bakunin analisa o antagonismo social principal da Rússia, semi-medieval, de sua época. No texto *A Ciência e a Questão Vital da Revolução*, a minoria explorada ou as classes estatistas, que se encontram no alto da escala social, envolve, para além das “altas personagens da Finança, da Indústria, do Negócio”, um conjunto de categorias sociais do Estado e da Igreja.

*“No alto da escala situa-se o grupo pouco numeroso dos exploradores mais consumados e mais conscientes: as altas esferas governamentais, isto é, em primeiro lugar Sua Majestade o Imperador e toda a sua augusta casa, depois sua corte, seus ministros, seus pajens, seus ordenanças, todos os dignitários do exército, da administração, do clero e, em sua*

circunvizinhança, as altas personagens da Finança, da Indústria, do Negócio que, com a permissão do governo sob sua proteção, devoram toda a riqueza, ou melhor, toda a indigência do povo”. (BAKUNIN, *A Ciência e a Questão Vital da Revolução*, p. 310-311).

Os próprios termos Cidadãos, Classes Políticas ou Classes Estatistas, com os quais Bakunin definiu, em alguns dos seus escritos, o polo que se encontra no alto da escala social, revela a importância que Bakunin fornece ao Estado na definição do mundo dos exploradores.

No modo como Bakunin define o polo de baixo, o mundo dos explorados, também podemos notar esse mesmo movimento. O conceito de Povo, Massas populares ou ainda Proletariado, é, em Bakunin, amplo. Na definição dada a ele, no Advertência ao Império Knuto-Germânico, Povo envolve “a toda la masa de los obreros propiamente dichos (das fábricas, das oficinas e das terras)”.

Acusando Marx e seus seguidores de considerarem tão somente a classe proletária moderna, em última instância, o operário fabril, como classe revolucionária, e de se voltarem contra todo o restante da massa do povo, sobretudo dos camponeses e do que eles chamavam de lumpemproletariado, Bakunin tomava o Proletariado não como Classe, mas como Massa.

Assim, Povo ou Proletariado, para ele, incluía todos os trabalhadores das cidades e dos campos. Estes últimos, os camponeses, também eram definidos, por Bakunin, de modo amplo, envolvendo os “que cultivan con sus brazos sea su propia tierra, sea la tierra de otro”.

Como vimos, entretanto, estão excluídos do Povo todos os funcionários do Estado e da Igreja. Mas, vejamos o que Bakunin diz logo em seguida.

“Yo, que escribo, soy desgraciadamente un burgués. No obstante se podría considerar como no-burguesa y como perteneciente al proletariado a esa masa de trabajadores de la ciencia y de las artes que apenas consiguen ganar su vida y que se aplastan mutuamente en una concurrencia espantosa; su existencia es a menudo más precaria y más miserable que la de los obreros propiamente dichos. En realidad no son más que proletarios; para hacerse tales no les falta más que una cosa, y es volverse proletarios por voluntad, por el sentimiento y por la idea. Pero es eso lo que los separa precisamente del proletariado. Son en gran parte burgueses por sus prejuicios, por sus aspiraciones y por sus esperanzas siempre ilusorias, y sobre todo por su vanidad.”.

Ele próprio, que escreve, é um burguês. A Massa (não a Aristocracia, que fique claro) de trabalhadores da ciência e das artes,

no entanto, tanto são quanto não são, por certas condições, Proletárias.

Quais são as condições que fazem a Massa de trabalhadores da ciência e das artes serem parte do Proletariado? A existência precária e miserável. Como Bakunin caracterizou, trata-se de uma massa “que apenas consiguen ganar su vida”, suas condições de existência são, frequentemente, “más precaria y más miserable” que a das classes operárias.

E quais são as condições que fazem com que ela não seja parte do Proletariado? O modo de pensar, de sentir, suas vontades, suas ideias. Nisto, essa massa de trabalhadores das ciências e das artes é burguesa e não proletária.

Assim, temos que, para Bakunin, o Povo, e podemos dizer o mesmo da Burguesia, isto é, cada um dos polos ou mundos opostos, é formado não só por um conjunto de condições materiais – econômicas e políticas – específicas, mas envolve também uma maneira particular de pensar e de sentir (que são também, para Bakunin, materiais).

Estamos falando aqui de Burguesia e Proletariado não como duas classes, no sentido marxista. Estamos falando de Burguesia e Proletariado como dois mundos sociais opostos, como dois modos de ser, como duas vidas antagônicas. O sentido mais profundo disso, porém, teremos que desenvolver em uma segunda parte deste texto. ■

## DIA 28 DE MARÇO

# Dia do Estudante Combativo

Érico

O dia 28 de março é celebrado em memória de Edson Luís, estudante secundarista morto pela PMRJ durante a ditadura-militar, no ano de 1968. Filho de família pobre, Edson mudou-se de Belém (PA) para o Rio de Janeiro a fim de cursar o segundo grau, e utilizava o Restaurante Central dos Estudantes, também chamado “Calabouço” para fazer suas refeições. Devido aos ataques a educação, a precarização na estrutura do restaurante e o preço da alimentação, os estudantes participavam de uma manifestação reivindicando melhorias e a diminuição do preço para fazer as refeições no restante, quando a polícia militar invadiu o local a tiros. Edson foi baleado e morreu no local.

Para que o corpo do estudante não fosse ocultado, como fizeram as forças policiais durante toda a ditadura militar, os estu-



dantes levaram o corpo de Edson Luis até a Assembleia Legislativa da Guanabara. A morte violenta do estudante pelos agentes policiais do Estado inaugurou uma onda de protestos em todo o país. Estudantes e trabalhadores se solidarizaram com a luta que os estudantes cariocas haviam iniciado, e passaram a denunciar e lutar nas ruas contra as privatizações e a precarização do ensino público.

Hoje, mais uma vez e mais do que nunca sofremos duros ataques que se acumulam desde a educação básica ao ensino superior. A abertura de escolas militarizadas e o corte de orçamento público para a educação é reflexo do militarista e neoliberal que os governos das diferentes esferas do Estado brasileiro seguem, ameaçando estudantes, profissionais da educação e toda a comunidade.

Devemos, nós estudantes, unirmos em luta contra os inimigos do povo, mobilizando-nos em cada escola, faculdade e universidade, junto aos trabalhadores, sem apadrinhamentos políticos, nem oportunismo. Devemos pela ação direta – organização e combatividade – lutar como lutou Edson Luis e os estudantes de 68. ■

**VIVA O MOVIMENTO ESTUDANTIL CLASSISTA E COMBATIVO! AVANTE ESTUDANTES POVO, ESMAGAR OS TUBARÕES DA EDUCAÇÃO!**

## CRISE POLÍTICA E MASSACRE CONTRA O POVO PERUANO

Antônio Galego



**A** América Latina segue seu curso normal de crises, rebeliões, massacres, ilusões. O Peru é o novo palco de enfrentamentos. O estopim da crise veio com o anúncio em 07 de dezembro, pelo então presidente Pedro Castillo, de dissolução do Congresso e convocação de uma assembleia constituinte. Castillo em seu anúncio disse que respeitaria o mercado e a propriedade privada, uma marca das suas contradições e vacilações.

O ato de desespero, no entanto, é a ponta do iceberg da profunda crise peruana. Somente nos últimos 4 anos pelo menos 5 presidentes foram presos (contando com Castillo), 4 deles por envolvimento com corrupção no caso Odebrecht da Lava Jato. O presidente Alan García se suicidou. Em nenhum deles a acumulação capitalista, assentada na burguesia agrária e extrativista, que gera a miséria e superexploração da massa peruana, foi enfrentada. Com Castillo não foi diferente.

Logo após o anúncio de Castillo, este se viu isolado politicamente, sendo destituído do cargo e preso no mesmo dia. O imperialismo na figura da embaixadora dos EUA se pronunciou prontamente contra Castillo, também as Forças Armadas e

a Polícia, bem como políticos e ministros do seu próprio governo, além de líderes “progressistas” como os atuais presidentes do Chile e do Brasil.

A sucessora de Castillo, Dina Boluarte, ao assumir instaurou uma repressão brutal contra os protestos e bloqueios de rua que de imediato se levantaram contra o novo governo burguês e pró-ianque. Até dia 10/01/2023 já eram 39 manifestantes assassinados pela polícia (somente no dia 09 morreram 17 pessoas num mesmo protesto!). Abundam os casos de violação de direitos humanos, torturas, prisões políticas. O silêncio da mídia brasileira é assombroso.

A crise no Peru não é de uma pessoa ou governo, é uma crise do sistema. A aposta pela “Constituinte” foi uma ilusão no Chile, no Peru, e será nos demais. Não há espaço para o mais mínimo “reformismo” nas relações de poder e exploração na América Latina, a não ser como ilusão pra acalmar as massas insatisfeitas. Segue inconclusa em “Nuestra América” a tarefa de constituição de um movimento operário-popular com independência de classe e direção revolucionária, único capaz de alcançar a vitória na luta de libertação social. ■

**Dina Boluarte assassina e serviçal do imperialismo!  
Solidariedade ao povo peruano!**

## Há guerra nas quatro partes do Curdistão... e em Paris!

Antônio Galego

**O** assassinato político de 3 curdos (Evîn Goyî, Abdurrahman Kızıl e Mîr Perwer) em Paris no dia 23 de dezembro de 2022 gerou protestos massivos e confrontos em várias cidades da França e do mundo. O sangue dos mártires em Paris traz a tona a política expansionista e genocida da Turquia, intensificada durante o ano de 2022, atacando militarmente cidades e guerrilheiros curdos no nordeste da Síria (Rojava), no norte do Iraque (Curdistão do Sul) e na Turquia.

Como explicamos na edição anterior, os trabalhadores curdos desenvolvem a luta armada em territórios estratégicos no Oriente Médio (Turquia, Síria, Iraque e Irã) com o objetivo de construir o socialismo e o confederalismo democrático. O governo turco de Erdoğan é o principal inimigo do movimento de libertação, um governo que comete crimes de guerra e segue impune pelas potências imperialistas e organismos multilaterais.

No dia 20 de novembro de 2022 a Turquia lançou um ataque aéreo em grande escala usando caças e drones nordeste da Síria (Rojava), atacando Kobanî, Dêrik, Dirbesiye, norte de Aleppo e outras áreas na fronteira turco-síria. Segundo o dossiê do Make Rojava Green Again, “os locais atingidos se estendem pelo espaço aéreo controlado tanto pelos EUA como pela Rússia, sugerindo que ambos os países sinalizaram positivamente para os ataques. O bombardeio aéreo tem até agora se concentrado na infraestrutura civil e nas instalações de serviços” [1]. Somente em 2022 a Turquia realizou 89 ataques, nos quais pelo menos 71 pessoas foram mortas e 124 ficaram feridas. [2]

Desde 14 abril de 2022 o Estado turco promove também uma invasão de larga escala no Curdistão do Sul (norte do Iraque), intitulada “Operação Garra Cerrada”. Segundo a declaração de 14/12/2022 das Forças de Defesa do Povo (HPG): “O exército turco cometeu crimes de guerra de uma crueldade sem precedentes e sem vacilar atacando as posições de nossas forças 3.152 vezes com bombas proibidas internacionalmente”. Além disso, na mesma declaração as HPG fazem um balanço dos oito meses de conflitos no norte do Iraque: “Assim, um total de 2.852 ações de guerrilha foram realizadas nos últimos oito meses. Foram mortos 2.744 membros das forças invasoras, incluindo 12 contras e 20 comandantes militares superiores, e pelo menos 385 outros foram feridos.” [3]

Por sua vez, no Curdistão Oriental (no Irã) os revolucionários curdos também tem atuado junto à luta das massas contra o governo fundamentalista e capitalista. Segundo declarou Şiyar Şevger, comandante das Forças de Defesa do Curdistão Oriental (YRK), o “Irã tem um papel chave no Oriente Médio”, e a crise na região continuará enquanto não houverem mudanças. Fazendo um balanço da luta: “A revolução exige um preço alto do povo, mas é inevitável. O regime deve compreender o seguinte: Se ele comete massacres contra o povo, o povo deve se defender. O povo de Rojhilat [Curdistão Oriental] e do Irã deram muitos mártires em 2022. Até agora houve cerca de 500 mártires.” [4]

Frente a tudo isso os curdos têm organizado uma gloriosa resistência aos seus inimigos, e como disse Şiyar Şevger “hoje, há guerra nas quatro partes do Curdistão”. Seguiremos noticiando e denunciando a política assassina do governo turco, o uso de armas químicas e seus interesses coloniais e contra-revolucionários. Como trabalhadores anarquistas apoiamos a luta socialista revolucionária curda e dos povos do Oriente Médio! Nos somamos na campanha pela liberdade de Abdullah Öcállan e pela libertação nacional e social do Curdistão! ■

[1] “Ataques turcos contra infraestruturas fundamentais civis e econômicas”, dossiê de Make Rojava Green Again, 10 de dezembro de 2022.

[2] Informações de flyer de campanha da agência de notícias “Revolução no Curdistão” (www.revcurdistao.noblogs.org)

[3] “Balance de las HPG de ocho meses”, publicada em 15/12/2022 no site anfespanol.com.

[4] Comandante de YRK: “Nos comportamos en interés de nuestro pueblo”, publicado em 8 janeiro de 2023 no site anfespanol.com.

# Anarquismo e liberdade religiosa

Antônio Galego

*“A abolição radical de toda religião oficial e de toda Igreja privilegiada, ou apenas protegida, remunerada e sustentada pelo Estado. Liberdade absoluta de consciência e propaganda para cada um, com a faculdade ilimitada de erigir tantos templos quantos aprouver a cada um, a seus Deuses, quaisquer que sejam, e pagar e sustentar os sacerdotes de sua religião.” (Bakunin, Catecismo Revolucionário, 1866)*

Os anarquistas sempre foram associados ao ateísmo, e não deixam de ser, mas pouco foi falado sobre a defesa da liberdade religiosa como elemento central do programa e do método de luta dos anarquistas. Hoje a questão religiosa retorna com toda força no Brasil. Por isso a importância de retomar esse tema e, pra além do debate filosófico (que faremos em outro momento), pensar na questão programática e nas táticas de luta.

## 1) A destruição do Estado: condição prévia da liberdade religiosa

Ao longo da história centenas de religiões e crenças locais foram perseguidas em nome de um único Deus, em nome da centralização da fé em uma verdade absoluta e oficial. Esse absolutismo religioso sempre se apoiou no centralismo político do Estado. Um e outro se formaram juntos, através das guerras de conquista coloniais e processos de centralização dos Estados Imperiais.

O Cristianismo, Islamismo e Judaísmo foram integrados de diferentes maneiras às estruturas estatais e se expandiram não só pelo convencimento das populações, mas pela negação de outras crenças, pela sua imposição econômica e militar como religião oficial. Cruzadas, Guerras Santas, colonialismo europeu, a criação do Estado de Israel, a contrarrevolução no Irã, são exemplos de como o Estado se associou a religião para a centralização de poderes e riquezas.

Hoje, para as igrejas que almejam crescimento segue naturalizado o uso dos governos e leis em benefício próprio. Os bispos das igrejas evangélicas que se reconciliam com Lula são um exemplo disso, e a “Carta aos Evangélicos” no período eleitoral foi o movimento inverso do presidente buscando o apoio das igrejas para governar e dominar as massas.

Importantes líderes evangélicos no Brasil têm crescido a partir de três pilares: 1) racismo religioso; 2) expansão empresarial; 3) influência política. Eles têm estimulado leis discriminatórias nas escolas, ataques a terreiros e a casas de reza indígenas, evangelização de povos isolados, ataques ao catolicismo popular, ataques aos direitos das mulheres e LGBTs, etc. A força e impunidade desse fundamentalismo

cristão não vem da “mão divina”, mas de suas relações com o Estado e a exploração capitalista.

Os governos do PT, Temer e Bolsonaro, sem exceção, aumentaram o poder do fundamentalismo. Hoje, a base mais popular do bolsonarismo vem das igrejas, mas quem tem se beneficiado de fato não é a massa de crentes. Muitos líderes evangélicos estão metidos em conchavos e escândalos (como o do MEC em 2022), se aproveitando economicamente da ascensão



ao poder estatal. Essa burguesia religiosa é a maior inimiga de uma real liberdade religiosa para o proletariado.

Assim, enquanto houver Estado e Capital haverá dominação dos povos e a liberdade estará ameaçada. Diferente da defesa hipócrita por “liberdade religiosa” pela extrema-direita (que só quer aumentar o apoio oficial e unilateral do Estado ao cristianismo), os anarquistas defendem que a única possibilidade de uma real liberdade religiosa para os povos é com a construção de uma nova sociedade, sem exploradores e explorados, que estabeleça a total liberdade de culto e fé e acabe com qualquer beneficiamento para as igrejas que não seja a dos seus próprios fiéis.

## 2) A religiosidade das massas e o método materialista de mobilização

O aumento da influência das igrejas conservadoras no Brasil gerou uma contra-tendência por parte de setores da esquerda que atacam os “pobres de direita” e a religiosidade das massas. É necessário combater essa ideia elitista da esquerda: ela volta o seu pseudo-radicalismo contra o inimigo errado (o povo) por sua im-

potência de enfrentar os reais inimigos (a burguesia). Na verdade, os políticos da esquerda eleitoreira (PT, PCdoB, etc.) seguem se aliando e fortalecendo os reacionários da “bancada da bíblia”. Ou seja, enquanto atacam os de baixo se aliam com os de cima.

Para os anarquistas o caminho é o inverso: é preciso unir pela base e pela luta as massas populares, independente das massas serem evangélicas, umbandistas, bolsonaristas, lulistas, etc. Devemos ir ao povo, respeitar suas crenças/tradições e culturas, e defender a centralidade daquilo que pode unificá-lo contra o inimigo comum: a luta por suas condições materiais de existência (terra, salário, saúde, etc.). No interior da luta a diversidade cultural-religiosa deve ser respeitada, pois o que estará em jogo é o objetivo comum como classe.

Por outro lado, a vanguarda revolucionária deve encarar as divergências com as outras correntes de pensamento, criticando as concepções erradas no seio do povo, mas sempre de acordo com as necessidades concretas da luta e no interesse da união e da vitória popular, e não de acordo com sectarismos ideológicos. E reforçamos: é apenas a atividade de resistência da classe que poderá colocá-la em choque com os interesses de seus líderes reacionários ou reformistas. É a ação que vai educar as massas, não discursos abstratos.

Se existir um avanço geral da luta popular no Brasil cedo ou tarde surgirá o conflito interno nas igrejas autoritárias, nada escapa à luta de classes. É preciso aproveitar esse momento, sem discursos abstratos, com base nos interesses materiais das massas, pra combater os religiosos que usam da fé do povo para roubá-lo, jogá-lo contra seus irmãos de outras religiões e usá-lo como marionete da política burguesa. Atacar os exploradores e burocratas, unir os explorados, sempre! Assim se construirá as bases materiais para uma liberdade religiosa nos movimentos populares e na sociedade futura. ■

**PELA LIBERDADE RELIGIOSA DA CLASSE TRABALHADORA!**

**BASTA DE ATAQUES AOS TERREIROS, CASAS DE REZA E ÀS TRADIÇÕES RELIGIOSAS DO POVO!**

**A UNIDADE DO PROLETARIADO - EM SUA DIVERSIDADE - SE CONSTRÓI NA LUTA!**

# O MASSACRE DA NOVACAP

Érico

No dia 2 de dezembro de 1999 o episódio de violência cruel protagonizado pela Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF), a mando do governador, à época, Joaquim Roriz e do Secretário de Segurança Pública Paulo Castelo Branco, marcou para sempre a luta dos trabalhadores no Brasil.

Naquele ano, servidores públicos da Companhia Urbanizadora da Nova Capital – Novacap, entraram em greve reivindicando reajuste salarial. Os trabalhadores fecharam os portões da empresa localizada no Setor de Indústria e Abastecimento, região próxima ao centro de Brasília.

A polícia militar lotada no 4º BPM já estava presente. Junto a eles, o reforço do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) dava o tom de hostilidade do Governo do Distrito Federal às reivindicações e demonstrava o ódio do governo do Estado pelos trabalhadores organizados, e ordenada a liberação para o prédio.

Os trabalhadores resistiam, enquanto os poli-



ciais avançavam com gás de pimenta, cacetetes, tiros e um veículo blindado. Foi então que durante o confronto iniciado pelo BOPE, o trabalhador José Ferreira da Silva, jardineiro grevista da Novacap, foi atingido por um tiro de escopeta calibre 12, provocando-lhe perfurações nas pernas, braços e no peito, e o levou ao óbito no local. Outros dois trabalhadores, Jesus Ferreira Machado e Cláudio César Gomes Cabral foram atingidos por tiros de

borracha no rosto, causando-lhes ferimentos graves nos olhos, e tornando-os cegos.

Responsabilizada, a PMDF logo deu suas desculpas. O assessor da corporação, Major Daher disse que “os policiais são instruídos apenas a atirarem tiros de borracha contra a população quando não há mais diálogo” e que “só atiram do peito para baixo”. A covardia do major foi além quando afirmou que o trabalhador morto poderia sofrer de problemas cardíacos, e por não aguentar a “emoção” teria falecido. Tanto o Secretário Castelo Branco, quanto o governador Joaquim Roriz não se responsabilizaram pelo ocorrido. A responsabilidade recaiu unicamente sobre o tenente Euzair Teixeira Nunes, que atirou em José.

Diante do tribunal, em 2007, tanto o tenente, quanto o secretário de segurança pública, o governador e a corporação foram absolvidos. No absurdo, sindicalistas e grevistas foram ainda processados por “incitação à desordem pública”, mas foram absolvidos. ■

## EM MEMÓRIA AOS QUE MORRERAM LUTANDO! JOSÉ FERREIRA DA SILVA, PRESENTE!



Quadrinhos e frases revolucionárias

“O fetichismo da legalidade foi e continua a ser um dos traços característicos do socialismo favorável à colaboração de classes. O qual implica a crença na possibilidade de transformar a ordem capitalista sem entrar em conflito com os seus privilegiados. Mas isto, mais do que um indício de uma ingenuidade pouco compatível com a mentalidade dos políticos, é indício da corrupção dos líderes. Instalados em uma sociedade que fingem combater, recomendam respeito pelas regras do jogo. A classe operária não pode respeitar a legalidade burguesa, a não ser que ignore o verdadeiro papel do Estado, o caráter enganoso da democracia; em poucas palavras, os princípios básicos da luta de classes.

VICTOR SERGE